

Suplemento do Património

O Românico em Lousada: a Igreja de Santa Maria de Meinedo *

O vocábulo “românico” surge no século XIX para significar um estilo que, estando na sequência da arte romana, antecedia e distinguia-se da arte gótica.

Este foi, sem dúvida, um estilo que floresceu em toda a Europa, cujo período de difusão podemos situar entre o século XI e XIII. Obviamente que esta cronologia é adaptável e, no caso português, que observa este fenómeno artístico numa posição geográfica periférica, esse ajuste faz-se necessariamente.

Enquanto que a Europa Central e do Norte viviam um período de estabilidade política e social que facilitou a explosão do românico, os reinos da Península Ibérica aplicavam todos os seus recursos na Reconquista. Reside aqui, entre variadíssimas outras razões, uma justificação para que o românico português seja mais tardio e se prolongue, portanto, até ao século XIV.

O período românico apresenta uma profunda unidade em diversos aspectos, mas também se caracteriza pelo surgimento de inúmeras “escolas” que estabeleciam o compromisso entre a aplicação de princípios fundamentais e de particularidades locais.

O românico é a mais telúrica das nossas arquitecturas. Ela desponta quando a nossa nacionalidade está a surgir, assim como a nossa língua e a nossa estrutura e organização social: aldeias, paróquias...

Com a Reconquista, e à medida que esta se vai solidificando e estabelecendo fronteiras mais seguras, amplia-se a mancha agrícola e adensa-se o povoamento. Surgem novos aldeamentos e inicia-se um processo de organização político-social firmado na posse senhorial da terra e na administração eclesiástica.

Estes novos povoados tendem a localizar-se nas áreas mais enrugadas, onde é possível estabelecer uma cultura de regadio, nos fundos dos vales, e de cereal, na encosta baixa do monte.

O românico acompanha todos estes processos: a evangelização, o povoamento, a organização fiscal e judicial. A igreja paroquial é um símbolo de autonomia da comunidade. Aí se praticam ritos de passagem, aí se encomenda a protecção divina e aí se guardam as cinzas dos antepassados.



Fig. 1 - Aspecto da Igreja em 1878, vendo-se o reboco que a cobria e os remates do entablamento.

A localização duma igreja não era indiferente. Raramente se construía onde não houvesse água ou um pequeno bosque e procurava-se implantá-la em locais centrais.

A orientação da igreja era outro factor muito considerado. Esta deveria orientar-se longitudinalmente de Nascente para Poente. A luz mais valorizada era a do nascer do Sol que deveria iluminar a capela-mor logo pela manhã.

O românico veio responder às novas necessidades do culto, à liturgia romana que, cada vez mais, se impunha e que era rica em encenações e teatralidade. A massa arquitectónica é mais organizada e o exterior denuncia claramente a disposição do espaço interior.

A igreja românica, ao contrário da pré-românica, também é para ser vista por fora. Esquecidas as motivações iconoclastas, o românico surge repleto de decoração. Esta, para os leigos, funciona como um autêntico catecismo que exprime, numa linguagem acessível, os valores cristãos.

Fonte: Gravura de João de Almeida na obra “O Minho Pittresco”.

Igreja de Santa Maria de Meinedo

A igreja de Santa Maria de Meinedo é um templo de estilo românico de transição e resistência datado, certamente, da segunda metade do século XIII. Numa inscrição existente na frontaria do edifício, apesar da rude feição dos seus caracteres cursivos, alguns investigadores asseguram tratar-se da pedra de sagração. Carlos de Passos faz a leitura da inscrição da seguinte forma: “in era(?) MCCC consacratur ista ecclesia”. Assim, a Igreja de Meinedo teria sido sagrada em 1262 A. D.

A denominação de românico de transição e resistência procura distinguir uma determinada fase do estilo, quando este convive já com um novo modo de construir – o gótico. Enquanto as comunidades urbanas, mais poderosas economicamente e mais receptivas à novidade, já edificavam se-



Fig. 3 - Fotografia dos finais da década de 60 do século XX.



Fig. 2 - Aspecto actual da Igreja.

gundo as orientações do gótico, nos meios mais rurais, tradicionalmente conservadores e com menos recursos, resistia-se à nova linguagem, adoptando-a e adaptando-a, gradualmente.

No portal principal da igreja é bem patente esta ideia de transição. É formado por quatro arquivoltas de arco quebrado, que apoiam sobre pilares, sem colunas, e de empenas muito altas e sem ornamentação, já ao gosto gótico. As arquivoltas são decoradas com pérolas, sendo estas os únicos elementos decorativos do portal. Sobrepujando o portal vemos um nicho, elemento rasgado posteriormente – talvez durante o século XIX – onde esteve colocada, até à última década do século passado, a imagem da padroeira.

Seguramente, durante o século XVIII, foram co-

locados remates sobre o entablamento da fachada. Numa gravura do último quartel do século XIX, feita por João de Almeida, para ilustrar a célebre obra de José Augusto Vieira, “O Minho Pittresco”, é possível observar duas urnas e uma cruz latina no remate do frontão. Estes elementos decorativos ainda existiam nos finais da década de 30 do século XX, tendo sido, depois, retirados. No lugar da cruz latina foi colocada uma cruz espatulada, que, ainda hoje, se mantém.

O portal sul apresenta um arco em volta perfeita com uma arquivolta e tímpano. O portal norte, igualmente de volta redonda, mostra umas aduelas muito largas, sugerindo ter sido executado em época posterior.

Tal como muitas igrejas deste período tardio do românico, esta está marcada por uma grande austeridade ornamental, mostrando pou-

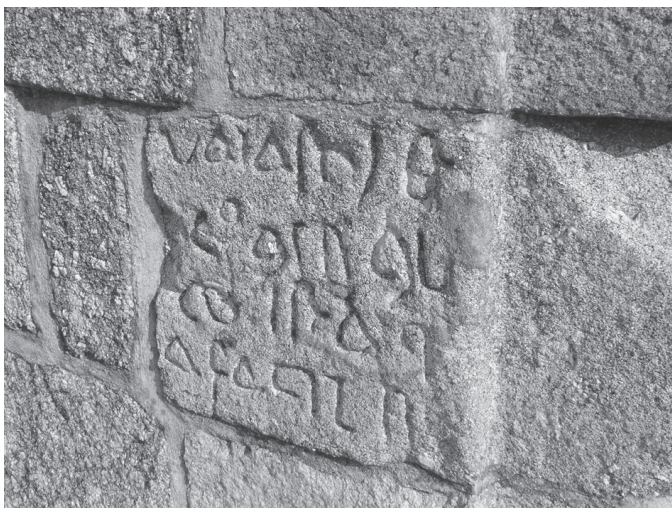


Fig. 4 - A inscrição existente na fachada do edifício.

ca escultura decorativa, apenas patente em alguns cachorros que sustentam a cornija em ambos os alçados da igreja, tanto na nave, como na capela-mor. Pedro Vitorino, ilustre historiador, identifica várias representações. Os cachorros decorados encontram-se, essencialmente, no alçado norte. O primeiro, mais próximo da fachada, contém, claramente, a representação de Adão e Eva expulsos do Paraíso, procurando esconder, com os braços, a sua nudez. Pedro Vitorino crê, também, identificar várias representações de carácter fálico e icti-fálico. Carlos de Passos observa mesmo: “num outro, do mesmo lado, num realismo pouco vulgar, o pecado de Onãn”.

A organização exterior da igreja revela a sua constituição interior – templo de uma só nave e abside, ou capela-mor, quadrangular, separadas por arco cruzeiro.

No interior é possível apreciar uma belíssima e imponente imagem de Nossa Senhora das Neves, em pedra de Ançã, que Carlos Alberto Ferreira de Almeida atribui ao século XIV, embora haja autores que a situam ainda no século XIII. D. Domingos de Pinho Brandão destaca o rosto severo e duro de Nossa Senhora e a indumentária com abundantes pregas e dobras, sem paralelo entre nós. Segura no lado esquerdo o Menino – vestido e amparando o Globo – e na mão direita um ramo de flores. Trata-se de uma imagem de excelentíssima execução, só possível à mão experiente e grácil de um escultor maior; imponente pela sua altura e



Fig. 6 - O portal principal.

esmagadora pela vigorosa força visual. Ainda apresenta vestígios de policromia. Na verdade, toda ela foi pintada de cores vivas, que causariam um vivo efeito de fulgor. Para a perda da sua original coloração contribuiu o facto de, por finais do século XIX, esta imagem, que se encontrava na sacristia, ter sido levada para a edícula da fachada e aí ter permanecido exposta até aos finais do século XX. A acção da luz solar e dos restantes elementos naturais levaram à perda irremediável dessa vivacidade de cor.

Embora de época consideravelmente posterior, é de eleva-

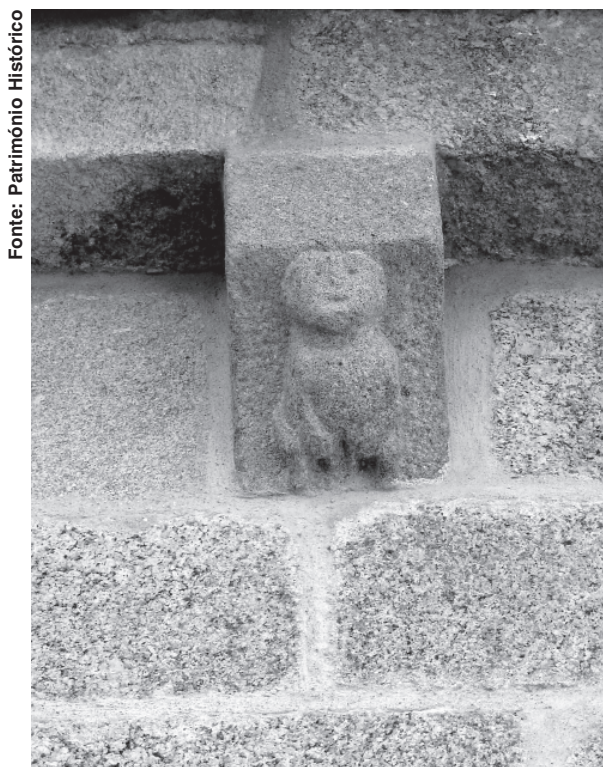


Fig. 5 - Cachorro com a representação do pecado de Onãn.



Fig. 7 - Cachorro com a representação de Adão e Eva.

do valor a talha que recheia a igreja. O retábulo do altar-mor, em talha dourada, é uma obra Maneirista de meados do século XVII, bem como o tecto de caixotões da capela-mor. Nos altares laterais e revestindo o arco cruzeiro podemos observar magnífica talha dourada e policroma, Barroca, de estilo nacional, executada no primeiro quartel do século XVIII.

A capela-mor está revestida, no seu interior, por azulejos de tapete policromo. Terá existido um frontal do altar-mor com azulejos hispano-árabes. Ainda na capela-mor, por trás do altar é possível ver-se umas pinturas, muito ténues, na parede, sobre o reboco, distinguindo-se uns motivos florais. Há, também, referência a uma outra pintura sobre reboco, ou fresco, por trás do altar lateral do lado da Epístola, representando a Anunciação.

A Igreja de Santa Maria de Meinedo afirma-se, pois, como um monumento de um Românico tardio, que foi sofrendo diversas remodelações ao longo dos tempos. Relembramos a abertura da edícula na fachada, a construção da torre sineira durante o século XVIII, ou todas as alterações efectuadas durante os séculos XVII e XVIII no seu interior relacionadas com a execução dos altares em talha dourada. Nesta reforma do século XVIII são também acrescentados os remates do entablamento: cruzes e urnas – posteriormente retirados.

A igreja foi, durante a maior parte da sua história, rebocada e pintada a cal branca, tanto no exterior como no interior. Nos livros de despesas das paróquias e mosteiros são constantes as referências à aquisição destes produtos e serviços. Os alçados eram integralmente rebocados, ficando em pedra viva apenas os portais e os elementos com aresta saliente como a cornija ou as molduras de portas e janelas. O objectivo era óbvio e prendia-se, especialmente, com a luminosidade interior de construções em que havia poucas aberturas para luz natural; e com a necessidade de o templo se destacar, pela sua alvura, no meio circundante, facilitando a sua visualização a quem se fosse aproximando.

A Igreja de Meinedo é um dos monumentos integrantes da Rota do Românico do Vale do Sousa. É classificada desde 1945 como Imóvel de Interesse Público.

*** Cristiano Cardoso**

Técnico Superior de Ciências Históricas
da C. M. de Lousada



Fig. 8 - Escultura em pedra de Ançã de Santa Maria Maior, séc. XIII/XIV.



Fig. 9 - Tecto de caixotões da capela-mor, séc. XVII.

Bibliografia Consultada

- ALMEIDA, Carlos Alberto Ferreira de - *O Românico. História da arte em Portugal*. Vol. III. Lisboa: Publicações Alfa, 1988.
- BRANDÃO, Domingos de Pinho - *Algumas das mais preciosas e belas imagens de Nossa Senhora existentes na Diocese do Porto*. Porto: Diocese do Porto, 1988. pág. 104 e 105.
- OLIVEIRA, A. de Sousa - *A Igreja românica de Santa Maria de Meinedo e a sua raiz na Alta Idade Média*. Porto: Associação Cultural Amigos do Porto, 1969. Vol. IV.
- Patrimonium. Inventário da Terra de Sousa*. Porto: Edições Etnos, Lda., 1995